

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E JUSTIÇA SOCIAL NA AMAZÔNIA PARAENSE: UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID EM ESCOLA DO CAMPO

Raquel do E.S.A. do Nascimento ¹
Izabel do Socorro Silva Soares ²
Joana Jaqueline da Silva e Silva ³
Lucas Raylan de Sousa Lisboa ⁴
Nívia Maria Vieira Costa ⁵

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência pedagógica com turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual Domingas da Costa Sousa, localizada em Bragança-PA. A iniciativa foi desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – Educação no Campo, sob orientação da professora supervisora das disciplinas de Biologia e Educação Ambiental. A proposta teve como objetivo articular educação ambiental e justiça social como instrumentos de formação cidadã e crítica no contexto rural. A metodologia adotada foi qualitativa, caracterizada como relato de experiência, com foco em práticas pedagógicas participativas e contextualizadas. As ações incluíram visita ao lixão municipal, construção de composteiras, oficinas temáticas sobre sustentabilidade, implantação de um Ecoponto comunitário e atividades voltadas à coleta seletiva. O registro das experiências ocorreu por meio de painéis reflexivos e observações sistemáticas realizadas pelos bolsistas. Os resultados evidenciaram o engajamento dos estudantes com questões socioambientais, fortalecendo os vínculos entre escola, território e comunidade. Destacam-se iniciativas concretas, como a entrega de mais de mil garrafas plásticas à cooperativa de catadores local e a criação de um Ecoponto na escola, promovendo maior conscientização sobre o reaproveitamento de resíduos. Além disso, os futuros docentes ampliaram sua percepção sobre o papel social da educação, reconhecendo a importância de práticas pedagógicas sensíveis às realidades locais. O contato direto com a comunidade e os desafios ambientais da cidade contribuiu significativamente para sua formação profissional, estimulando uma postura crítica, empática e comprometida com a transformação social. Conclui-se que a integração entre sustentabilidade, justiça social e formação docente no campo fortalece a escola como espaço de protagonismo estudantil e valorização dos saberes populares.

Palavras-chave: Educação ambiental, justiça social, PIBID, Educação do campo, EJA.

¹ Professora supervisora do programa PIBID do Instituto Federal do Pará - IFPA, raquel.aguiar@escola.ufpa.br;
² Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo; Ciências Humanas e Sociais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA, izabelssoares23@gmail.com;
³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo; Ciências Humanas e Sociais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA, jaquelinesilva18041999@gmail.com;
⁴ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo; Ciências Humanas e Sociais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA, lucaslisboa.ifpa@gmail.com;
⁵ Professor orientador e coordenador do programa PIBID do Instituto Federal do Pará - IFPA, nivia.costa@ifpa.edu.br





INTRODUÇÃO

A educação ambiental, quando articulada à justiça social, torna-se um potente instrumento de transformação, especialmente em contextos rurais marcados por desigualdades históricas. Segundo Carvalho (2004), a formação do sujeito ecológico exige práticas educativas que integrem dimensões sociais, culturais e políticas, indo além da simples conservação ambiental. Essa perspectiva crítica permite reconhecer os sujeitos como protagonistas de suas histórias e territórios, valorizando os saberes populares e o engajamento comunitário.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa abordagem ganha ainda mais relevância, pois considera as vivências e trajetórias dos estudantes como ponto de partida para a construção do conhecimento. Como afirma Freire, “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 1996, p. 35), destacando a importância de práticas pedagógicas que dialoguem com a realidade dos educandos e promovam sua emancipação.

Este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – Educação no Campo, junto às turmas da EJA da Escola Estadual Domingas da Costa Sousa, em Bragança-PA. A proposta emergiu da necessidade de promover práticas pedagógicas que dialogassem com os desafios socioambientais vivenciados pela comunidade escolar, estimulando o protagonismo estudantil e a consciência crítica.

O objetivo principal foi integrar educação ambiental e justiça social como eixos formativos, contribuindo para a construção de uma prática docente sensível às realidades locais. A metodologia adotada foi qualitativa, com foco em práticas participativas e contextualizadas. Os resultados apontam para o fortalecimento dos vínculos entre escola, território e comunidade, além da ampliação da percepção dos futuros docentes sobre o papel social da educação.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de relato de experiência, com base nos princípios da pesquisa participante. Essa abordagem valoriza o envolvimento ativo dos sujeitos na construção do conhecimento e na transformação da realidade, sendo especialmente adequada para contextos educativos que buscam promover práticas emancipatórias (THIOLLENT, 2011).





As ações foram planejadas e executadas pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) subprojeto Educação no Campo, em constante diálogo com os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e com a professora supervisora da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Domingas da Costa Sousa. Como destaca Freire (1996, p. 39), “ensinar exige pesquisa”, e foi a partir dessa perspectiva que se estruturaram as práticas pedagógicas, respeitando os saberes locais e as vivências dos educandos.

Os instrumentos metodológicos utilizados incluíram observações sistemáticas durante as atividades, registros fotográficos e painéis reflexivos elaborados pelos bolsistas. A observação direta permitiu acompanhar as interações e os comportamentos dos participantes em seu contexto natural, favorecendo a compreensão das dinâmicas educativas (GIL, 2008). Os registros fotográficos contribuíram para documentar visualmente os processos e resultados das ações, ampliando a riqueza interpretativa da pesquisa (DIAS; CASTILHO; SILVEIRA, 2020). Já os painéis reflexivos funcionaram como dispositivos de expressão crítica, promovendo o protagonismo dos sujeitos e a valorização dos saberes construídos coletivamente (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

A implantação do Ecoponto comunitário na escola foi desenvolvida como ação pedagógica baseada na pesquisa participante, articulando princípios da educação ambiental crítica e da metodologia de projetos. Essa iniciativa promoveu o engajamento da comunidade escolar em práticas sustentáveis e transformadoras, conforme defendem Loureiro (2012) e Hernández (1998), ao enfatizarem a importância de ações educativas contextualizadas, colaborativas e voltadas para a justiça socioambiental.

Todas as atividades foram realizadas com o consentimento da comunidade escolar, assegurando o respeito ao direito de imagem e à privacidade dos envolvidos. Por se tratar de ação pedagógica vinculada a projeto institucional de formação docente, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme estabelece a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação ambiental crítica propõe uma abordagem que ultrapassa os limites da conservação ecológica, incorporando dimensões sociais, políticas e culturais. De acordo com Carvalho (2004), essa perspectiva busca formar sujeitos capazes de compreender e intervir na realidade de forma transformadora, articulando saberes científicos e populares.





No contexto da EJA, essa abordagem se torna ainda mais significativa, pois reconhece os estudantes como sujeitos históricos, cujas experiências de vida são fundamentais para o processo educativo. Como afirma Freire (1996, p. 25), “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”. Essa valorização dos saberes populares é essencial para práticas pedagógicas que promovam justiça social e inclusão.

Loureiro (2012) reforça que a educação ambiental crítica deve dialogar com a pedagogia freireana, promovendo uma formação que estimule a autonomia, a empatia e o compromisso com a transformação social. Ao integrar essa perspectiva à formação docente no campo, é possível construir práticas educativas mais sensíveis às realidades locais e aos desafios socioambientais da Amazônia Paraense.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ações pedagógicas desenvolvidas no âmbito do PIBID – Educação no Campo geraram impactos significativos na comunidade escolar e na formação dos futuros docentes. A visita ao lixão municipal foi um dos momentos mais marcantes, pois permitiu aos estudantes da EJA refletirem sobre os impactos ambientais e sociais do descarte inadequado de resíduos (Figura 1 e 2). Essa vivência despertou o senso crítico e a empatia, elementos fundamentais para a construção de uma educação transformadora.

A atividade foi realizada em parceria com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA), que ofereceu suporte técnico e logístico. Durante a visita, os estudantes puderam observar os impactos ambientais e sociais decorrentes do descarte inadequado de resíduos sólidos, promovendo reflexões críticas sobre consumo, descarte e desigualdade socioambiental. Segundo Dallanôra et al. (2016), experiências como essa são fundamentais para sensibilizar os alunos da EJA quanto à importância da destinação correta dos resíduos e à valorização da reciclagem como prática cidadã.

Complementando essa vivência, os estudantes visitaram a Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis dos Caetés (COOMARCA), onde acompanharam o processo de triagem e prensagem dos materiais reaproveitáveis. Essa aproximação com o trabalho dos recicladores permitiu o reconhecimento da economia solidária como alternativa sustentável e promotora de justiça social. A atividade também fomentou o diálogo entre educação ambiental crítica e práticas comunitárias, conforme propõe Loureiro (2012), ao defender que a educação ambiental deve promover a autonomia e o compromisso com a transformação social.





A construção de composteiras e as oficinas temáticas sobre sustentabilidade possibilitaram a articulação entre saberes científicos e populares, promovendo práticas educativas contextualizadas (Figura 3). Como destaca Freire, “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (FREIRE, 1996, p. 32), e foi a partir dessa premissa que os bolsistas planejaram atividades que dialogassem com a realidade dos estudantes.

A implantação de um Ecoponto comunitário na Escola Domingas representou uma ação concreta de impacto ambiental e social. O espaço passou a funcionar como ponto de entrega voluntária de resíduos recicláveis e como ambiente permanente de educação ambiental. A campanha de arrecadação de garrafas PET resultou na coleta de mais de mil unidades, posteriormente destinadas à COOMARCA, fortalecendo a rede local de reciclagem e promovendo a conscientização sobre o reaproveitamento de resíduos. (Figura 4).

Os registros realizados pelos bolsistas, por meio de painéis reflexivos e observações sistemáticas, evidenciaram o engajamento dos estudantes com as questões socioambientais. Houve uma ampliação da percepção sobre o papel da escola como espaço de transformação e valorização dos saberes locais. Segundo Loureiro (2012), a educação ambiental crítica deve promover o diálogo entre diferentes formas de conhecimento, estimulando a autonomia e o compromisso com a justiça social.

Além disso, os bolsistas relataram que o contato direto com os desafios ambientais da cidade contribuiu significativamente para sua formação profissional, estimulando uma postura crítica, empática e comprometida com a transformação social. Essa vivência reafirma a importância de projetos que integrem educação ambiental, justiça social e formação docente, especialmente em contextos rurais e periféricos.



Figura 1 e 2 – Visita ao lixão com alunos da EJA e bolsistas do PIBID, em parceria com a SEMMA municipal.

Fonte: Arquivo do projeto PIBID – Educação no Campo.





Figura 3 e 4– Oficina de compostagem e implantação do Ecoponto, realizada na Escola Domingas da Costa Sousa, com participação dos estudantes.

Fonte: Arquivo do projeto PIBID – Educação no Campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada no âmbito do PIBID – Educação no Campo evidenciou que a articulação entre educação ambiental e justiça social fortalece a escola como espaço de transformação. O contato direto com os desafios socioambientais da Amazônia Paraense contribuiu para a formação de educadores comprometidos com a realidade local.

Recomenda-se a continuidade de projetos que valorizem os saberes populares e promovam o protagonismo estudantil, especialmente em contextos rurais. A experiência também aponta para a necessidade de novas pesquisas que aprofundem o papel da educação ambiental crítica na formação docente.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível graças ao apoio e à colaboração de pessoas e instituições que acreditam no potencial da educação pública e na formação docente comprometida com a transformação social.

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), pela oportunidade de vivenciar práticas pedagógicas significativas no contexto da Educação do Campo. Estendemos nossa gratidão à Coordenação Institucional e de Área, em especial à





Dra. Nívia Maria da Costa Vieira, pelo acompanhamento sensível, pela orientação criteriosa e pela liderança inspiradora ao longo de todas as etapas do projeto.

Nosso reconhecimento especial aos bolsistas do PIBID, pela dedicação, criatividade e responsabilidade na condução das atividades, e aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Domingas da Costa Sousa, pela participação ativa, pelas reflexões compartilhadas e pelo protagonismo nas ações desenvolvidas.

Agradecemos à gestão da Escola Domingas da Costa Sousa, pelo acolhimento, apoio logístico e abertura ao diálogo, elementos fundamentais para a construção de uma proposta pedagógica integrada à realidade local.

Por fim, expressamos nossa gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela contribuição essencial à nossa formação docente, por meio do financiamento de bolsas que tornam possíveis projetos transformadores como este.





REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/pibid>. Acesso em: 04 out. 2025.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

DALLANÔRA, Ivani Belenice; LIBERALESSO, Cibele Pase; SCAPIN, Marilene; VENDRUSCOLO, Thaís; POSSER, Zenita Maria Uliana. **A problemática do lixo: uma experiência de educação ambiental na EJA da Escola Rui Barbosa em Pinhal Grande/RS**. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LOUREIRO, C. F. B. *Educação ambiental crítica: elementos para o debate*. São Paulo: Cortez, 2012.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

